

LER E TOMAR NOTAS

PRIMEIROS PASSOS DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA*

JOHNNY JOSÉ MAFRA

Professor Titular da Faculdade de Letras da UFMG

Resumo: Mostra a importância da leitura e das anotações, como elementos iniciais e fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Indica as diversas etapas da leitura crítica, apontando os vários tipos de anotações dela decorrentes, com exemplos práticos do fichamento dessas anotações e das obras lidas ou consultadas.

1 UNIVERSIDADE E PESQUISA

A atividade universitária não pode viver estancada, à espera de leis e decretos que programem sua evolução. A universidade é auto-ajustável e auto-reformável. As leis, ao invés de imporem as reformas acadêmicas, terão o mérito de consagrar o que o uso introduziu e dar o amparo institucional às transformações que brotam da própria dinâmica e da experiência universitária. A Lei 5.540/68, da reforma universitária, consagrou o princípio de que "o ensino superior tem por objetivo a pesquisa..." (art.1.º), e de que "o ensino superior é indissociável da pesquisa" (art.2.º). Partiu, para isso, do pressuposto de que a universidade já existia e tinha na pesquisa o centro de toda a sua atividade ou a fonte da qual emanava o desenvolvimento científico, literário e artístico.

No entanto, até bem pouco tempo, a pesquisa constituía atividade isolada, resultado do trabalho individual de alguns mestres que, mesmo sem os estímulos do amparo institucional, se consumiam nas bibliotecas ou nos laboratórios, desvendando os mistérios da ciência e produzindo o conhecimento para transmiti-lo a alguns discípulos que, por sorte e por

* Publicado na revista *Spin Ensino e Pesquisa*, v.1, n.1, junho de 1992. Pró-Reitoria de Extensão. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Departamento de Física e Química.

destacado desprendimento, a eles se agregavam.

A universidade cresceu, os laboratórios abriram-se a um sem-número de estudantes, e as bibliotecas tornaram-se pequenas e insuficientes para abrigar a população acadêmica. Os métodos adotados pelos antigos mestres foram enriquecidos com as novas descobertas, e a oportunidade de comunicação das pesquisas tornou-se mais efetiva com os encontros, congressos, simpósios e com a abertura de espaço nas revistas científicas nacionais e estrangeiras. Esse incremento à pesquisa, com a conseqüente oportunidade de divulgação, ensejou introduzir no ensino universitário disciplinas como TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA ou METODOLOGIA CIENTÍFICA, com vistas a tornar as técnicas da pesquisa familiares a professores e alunos.

2 O TRABALHO CIENTÍFICO

Por trabalho científico pode entender-se a pesquisa em todas as suas etapas e a apresentação dos resultados em forma de texto. Isto é o que ensina SALOMON, segundo o qual trabalho científico é a "concreção da atividade científica, ou seja, a investigação e o tratamento por escrito de questões abordadas metodologicamente".¹

A investigação pode ser feita na própria realidade ou em documentos e livros. A investigação da realidade é chamada *pesquisa de campo*, quando o pesquisador inquiri o seu próprio ambiente ou situação natural, e é *pesquisa experimental*, se a realidade observada é artificial ou criada no universo dos laboratórios. A pesquisa em documentos e livros chama-se comumente *pesquisa bibliográfica*, mas, segundo SALVADOR, é propriamente *pesquisa bibliográfica* "quando se utiliza de fontes, isto é, documentos escritos originais primários"; será *consulta bibliográfica*, "se se utilizar de *subsídios*, literatura corrente ou obras de autores modernos".² Exemplificando: se se pretende fazer um levantamento da realidade sócio-econômica de determinada cidade do Brasil colonial, poderão ser lidos documentos históricos dessa cidade, atos oficiais e escritos de toda natureza, que registrem aquele momento histórico. Trata-se, nesse caso, de *pesquisa bibliográfica*. Se, pelo contrário, esse estudo é feito em obras modernas que comentam e interpretam a história em questão, está-se fazendo *consulta bibliográfica*.

¹SALOMON, 1971. p.188.

²SALVADOR, 1977. p.10-11

Importa aqui entender o trabalho científico como o processo ou o conjunto de procedimentos que levam ao conhecimento do problema proposto. A pesquisa bibliográfica pode ou deve acompanhar as diversas fases da pesquisa de campo ou experimental, se for o caso, ou constituirá o método principal da investigação, se se tratar de problema apenas posto em livros e documentos.

A competência para a produção do trabalho científico é representada por um conjunto de condições, sem as quais é impossível chegar a um resultado satisfatório. A formação do pesquisador segue um processo contínuo, desde o início de sua vida escolar até a realização das suas mais altas experiências. daquelas idéias bem plantadas pelos mestres da pré-escola e do ensino de 1.º e 2.º graus nasce a capacidade maior ou menor de observação e de expressão do fato científico. É de ECO a afirmação de que, para escrever, é condição essencial ter o que escrever.³ De fato, uma pesquisa não parte do nada, mas de um dado objetivo e conhecido, em torno do qual se situam problemas que devem ser esclarecidos.

Assim, a produção do trabalho científico requer do pesquisador:

1. competência a respeito do assunto da pesquisa ou a intenção e a decisão de descobrir e esclarecer pontos obscuros na matéria que constitui sua especialidade ou a preocupação do momento;
2. competência para distinguir o tipo de trabalho científico que pretende realizar;
3. domínio dos instrumentos da pesquisa: para a pesquisa de campo, conhecer os processos de planejamento e levantamento de dados, de modo a poder proceder a uma análise correta e objetiva da realidade em observação; se a pesquisa é experimental, o pesquisador deverá ter formação suficiente e adequada para trabalhar com os instrumentos de laboratório e para ler e interpretar os resultados que se vão manifestando; se, enfim, o universo pesquisado é o dos livros e documentos, compete ao pesquisador conhecer os métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica, para que tenha acesso às fontes e aos tratados que cuidam da matéria que está em observação;
4. formação lingüística e, como conseqüência, o domínio da leitura;
5. conhecimento da técnica de redação, sem o que jamais será capaz de expressar por escrito o que, por acaso, a pesquisa pôde demonstrar.

Todos os requisitos são fundamentais e existem concomitantemente:

³ECO, 1983. p. 6.

ninguém tem formação lingüística específica, senão relacionada a determinada área de conhecimento que deverá ser dominada mediante o uso de instrumentos adequados.

É condição fundamental da pesquisa bibliográfica saber ler e tomar notas. Sem a anotação dos dados, todo o trabalho de leitura ou de observação fica perdido. É sobre essa questão que pretendemos propor algumas idéias.

3 PREPARANDO A PESQUISA

Antes de iniciar uma pesquisa, é imperioso fazer um projeto. Todo projeto pode definir-se como a proposta antecipada de considerações gerais sobre o assunto escolhido ou a antevisão metodizada das etapas ou fases do trabalho. O projeto deve conter as JUSTIFICATIVAS e os OBJETIVOS que levam ao desenvolvimento da pesquisa, e, ainda, um PLANO do assunto, isto é, um conjunto provisório de tópicos que contenham os principais problemas levantados, para cuja solução a pesquisa está sendo proposta. Supondo que tenhamos escolhido para tema de pesquisa o assunto intitulado *O latim, sua importância e atualidade na escola*, poderíamos propor um plano formado dos seguintes tópicos:

1. Introdução
2. O que é o latim
3. A natureza lingüística do latim
4. A expansão do latim
 - 4.1. Conseqüência da expansão
 - 4.2. Por que estudar o latim
 - 4.3. Pode-se falar o latim
5. Conclusão

O plano de assunto é provisório e serve de referência para o levantamento de dados bibliográficos ou experimentais. A atividade a ser desenvolvida acompanhará os itens propostos, como condição para que a pesquisa obtenha êxito. No caso da pesquisa bibliográfica, é a partir desse plano que se desenvolverão as leituras e as anotações. Assim, o primeiro passo é a procura dos livros que discutam os problemas de cada tópico. Na nossa mesa deveremos ter livros, artigos, todo tipo de estudos de diferentes autores que discutam o que é o latim, como é o latim, a sua expansão e a sua atualidade. De posse desse material, iniciamos o levantamento de dados, o que se faz através da leitura e dos apontamentos.

4 A LEITURA

RUIZ comenta que "não basta ir às aulas para garantir pleno êxito nos estudos. É preciso ler e, principalmente, ler bem. Quem não sabe ler não saberá resumir, não saberá tomar apontamentos e, finalmente, não saberá estudar".⁴ O aluno que chega à universidade já deve ter o domínio do processo da leitura, de modo que o livro seja, em suas mãos, um instrumento permanente de aprendizagem. Como observa SEVERINO, "os maiores obstáculos do estudante e da aprendizagem (...) estão diretamente relacionados com a correspondente dificuldade que o estudante encontra na exata compreensão dos textos teóricos".⁵ Acha o autor que os alunos se embaraçam na leitura desses textos, porque estão habituados ao trato com textos literários. Urge, então, que tanto alunos quanto professores se exercitem na leitura de textos científicos, para que se habituem com a linguagem desses textos.

Entende-se por leitura o processo de decifração ou decodificação ou reconhecimento dos símbolos escritos (os grafemas ou letras) e a construção ou interpretação ou compreensão dos significados desses símbolos. Tal processo pressupõe no leitor uma competência comparável à do produtor do texto, isto é, o leitor deverá ter conhecimento dos símbolos gráficos, bem como dos processos sintáticos (a organização da frase) e semânticos (o sentido das palavras) da língua em que o texto está escrito.⁶ A habilidade da leitura pressupõe:

1. o conhecimento do alfabeto, isto é, das letras ou sinais gráficos, correspondentes na expressão oral aos sons; os sinais gráficos, associando-se sistematicamente, formam as palavras que significam as coisas;
2. o conhecimento reflexivo dos mecanismos da frase, isto é, como as palavras se organizam para expressar um sentido;
3. o conhecimento do significado ou dos significados das palavras;
4. o conhecimento dos significados especiais que determinadas palavras assumem nos textos científicos.

É a essa *competência* que chamamos *saber ler*.⁷ A ela corresponde igual competência para escrever: quando lemos um texto, de certa forma colocamo-nos no lugar de quem o escreveu. Saber ler é o mesmo que ser

⁴RUIZ, 1980. p.35

⁵SEVERINO, 1986. p.121

⁶GREIMAS, s.d. p.255.

⁷*Idem.*

capaz de correlacionar um conteúdo ou um sentido a uma expressão dada.

Numa concepção mais abrangente, MIRA Y LOPES entende que saber ler é ser capaz de captar o sentido das frases, o mais próximo possível da idéia do autor, separar o essencial do acessório e expressar com palavras próprias o conteúdo geral do texto.⁸

Há vários tipos ou modalidades de leitura, em função dos diferentes objetivos com que se lê. Segundo SERTILLANGES, "lemos para nos formar e ser alguém; lemos com a mira nalgum fim particular; lemos para nos animar a trabalhar e praticar o bem; lemos por motivo de distração; há leituras de fundo, leituras de ocasião, leituras de estímulo ou edificação, leituras de repouso".⁹ A partir dessas múltiplas finalidades da leitura, SALVADOR propõe esta triplíce classificação: leitura *formativa*, leitura *informativa* e leitura de *distração*.¹⁰

Como estudantes ou pesquisadores, interessa-nos a leitura informativa, isto é, aquela que tem em vista a coleta de documentação para o trabalho que executamos ou o levantamento de dados que respondam aos problemas para os quais procuramos solução. Dada a natureza do estudo científico, a leitura informativa deve ser também *crítica*, o que significa que o leitor deve ser capaz de escolher e distinguir. *Ler* é sobretudo "escolher", ou seja, "distinguir os elementos importantes daqueles que não o são e, depois, optar pelos mais representativos e mais sugestivos".¹¹

A leitura crítica de um texto deve desenvolver-se pelo menos em três etapas: 1) leitura preparatória; 2) leitura temática; 3) leitura interpretativa.

1) LEITURA PREPARATÓRIA - Trata-se de um primeiro contato com o texto, que deve ter sido selecionado adequadamente: um capítulo, parte de capítulo ou uma página cujo conteúdo apresente princípio, meio e fim. No correr da leitura, que deve ser bem atenta, faz-se a indicação dos elementos básicos para a compreensão do texto. O leitor deverá anotar numa folha à parte todas as questões que exijam esclarecimento. SEVERINO sugere atenção para os seguintes dados: o *autor* do texto, o *vocabulário*, os *atos históricos* e as *doutrinas* contidas no texto, outros *autores* mencionados.¹²

⁸MIRA Y LOPES, 1965. p.37. *Apud* SALVADOR, p.93.

⁹SERTILLANGES, 1940. p.135. *Apud* SALVADOR, p.94.

¹⁰SALVADOR, 1977. p.94.

¹¹*Idem.* p.100.

¹²SEVERINO, 1986. p.126.

Feito o levantamento dos pontos obscuros, o leitor não dará por encerrada esta etapa antes de esclarecer um a um, através da consulta aos dicionários, enciclopédias, manuais didáticos e obras especializadas. Para as dúvidas não esclarecidas através da consulta aos livros, o leitor poderá recorrer a especialistas da área que se disponham a ajudá-lo.

Ao final dessa visão panorâmica e tiradas todas as dúvidas, é de bom alvitre fazer um *esquema* do texto, de modo a delimitar a sua estrutura redacional, com vistas à etapa seguinte, em que se buscará o tema ou a idéia central. Para fazer o esquema, basta inicialmente dividir o texto nas três partes fundamentais: introdução, desenvolvimento e conclusão, procurando expressar por uma frase-chave o conteúdo de cada uma. Depois, cada parte poderá receber novas divisões, para maior compreensão da mensagem contida no texto.

2) LEITURA TEMÁTICA - É a leitura que leva à descoberta da idéia do texto, basicamente é o momento em que o leitor procura saber de que trata o texto. Pergunta-se em geral: qual é o tema ou o assunto do texto? De que ele trata? Que mensagem o autor quer transmitir? Que problemas o texto levanta?

A busca do tema ou dos problemas de um texto deve fazer-se por etapas:

a) há nas frases palavras-chaves que expressam a idéia geral; destacar essas palavras, sublinhando-as, é o primeiro passo para a compreensão do todo, para descobrir a relação de sentido que há entre as partes;

b) na composição do parágrafo, sempre se destaca uma idéia principal expressa por uma frase chamada *frase-tópico* ou *frase-mestra*; um parágrafo deverá ter apenas uma *frase-tópico*, sendo as demais desdobramentos desta, explicações, complementos, comentários, comprovações do que se afirmou ou negou e conclusões;

c) marcada a *frase-tópico*, estará o leitor habilitado a distinguir as idéias principais das secundárias, a catalogar as idéias secundárias, os detalhes ou idéias acessórias;

d) tudo isso feito, fica fácil a descoberta da cadeia lógica estabelecida pelo autor, da mensagem que ele quis transmitir ou dos problemas que propõe. A visão analítica do texto permitirá o julgamento das idéias ou a atribuição de valor, determinando a sua utilidade e importância, de acordo com critérios sugeridos pelos propósitos do autor ou do leitor-pesquisador;

e) a última etapa da leitura temática é a redação da síntese ou resumo do texto. Com a síntese, pretende-se condensar em poucas palavras a

compreensão crítica do leitor sobre aquilo que o texto expôs extensamente. São os seguintes os passos para a elaboração de uma síntese:

- 1- ler e reler o texto, procurando entendê-lo em extensão e compreensão, marcando as palavras-chaves e esclarecendo as questões obscuras;
- 2- marcar a frase-tópico de cada parágrafo;
- 3- dividir o texto em partes e resumir em poucas palavras as idéias de cada parte;
- 4- relacionar e ordenar as idéias, usando as palavras das frases-tópicos ou expressando-as livremente;
- 5- construir frases que contenham a idéia principal de cada parágrafo, mantendo a estrutura lógica do texto;
- 6- elaborar a síntese, dando-lhe feição pessoal e estilo adequado.

3) LEITURA INTERPRETATIVA - Não basta entender a mensagem do texto, é preciso formular a respeito dele um juízo crítico, procurando, de acordo com os critérios pessoais ou extraídos do texto, tomar uma posição própria a respeito das idéias enunciadas. A esse processo se chama *interpretação*. O leitor sai do texto e confronta as idéias do autor com outras idéias ou com outros autores. O leitor, de certo modo, discute com o autor.

Um roteiro prático para a interpretação pode ser este:

a) primeiramente situar a idéia do autor contida no texto lido dentro do contexto do seu pensamento, para descobrir até onde e se as doutrinas do texto jogam com as posições gerais do autor;

b) relacionar os pontos-de-vista do autor com o contexto teórico em que se situam seus estudos, mostrando em que eles divergem dos de outros autores, indicando as suas coincidências e apontando para a originalidade do autor. Proceder-se, com isso, a um levantamento dos pressupostos teóricos que o texto implica, das idéias contidas nas entrelinhas, dos princípios que justificam a posição do autor;

c) fazer a crítica do texto. Dois pontos devem ser levados em conta: 1. a coerência interna do texto: o leitor vai descobrir se o autor conseguiu atingir os objetivos propostos, se os argumentos empregados foram bastantes para provar a tese proposta e se a conclusão está coerente com o conjunto da argumentação; 2. a originalidade do autor no tratamento do tema, a relevância e a validade da sua contribuição para o desenvolvimento da questão proposta;

d) por último, fazer uma crítica pessoal das idéias do texto. Não se trata mais de discussão a respeito do texto, mas das posições nele contidas. Esta parte da interpretação supõe, no leitor, pleno amadurecimento para o

trato com as questões estudadas.

5 OS APONTAMENTOS

A pesquisa bibliográfica concretiza-se nos apontamentos, ou, em outras palavras, a coleta de dados bibliográficos é feita mediante a tomada de apontamentos.

Em princípio, não se toma nota de qualquer leitura, mas somente daquela que faz parte de um plano de trabalho ou estudo. Quando estudamos um assunto, preparamos uma aula ou levantamos dados sobre uma questão proposta, os apontamentos são fundamentais.

Os apontamentos devem ser feitos de acordo com uma certa disciplina, para que cumpram a função a que se destinam:

1) tomar notas somente de leituras que façam parte de um plano de estudo;

2) antes de anotar, ler criticamente todo o texto;

3) sublinhar as palavras-chaves e as frases-mestras ou as que contenham dado relevante sobre a questão estudada;

4) escrever as anotações em fichas, de acordo com sua natureza e segundo as normas propostas a seguir;

5) uma anotação pode conter: uma *exposição*, um *exemplo*, uma *equação* matemática, uma *fórmula* química, uma *coleção de dados*, o *problema* proposto pelo texto ou a *própria reação* do leitor.¹³

Há várias maneiras de tomar notas. Podemos fazê-lo em cadernos, em folhas de papel ou em fichas de cartolina. Podemos fazê-lo também na tela do mini-computador. Para o método que vamos apresentar, sugerimos o uso de fichas de cartolina.

A ficha é um pedaço de cartolina, de forma retangular e de medidas padronizadas: 12,5 cm x 20 cm, 10 cm x 15 cm, 7,5 cm x 12,5 cm. Pode ser usada a ficha que melhor se adequar à natureza da anotação ou ao hábito

¹³SALVADOR, 1977. p.111.

Exemplo de ficha bibliográfica:

| A expansão do latim | Conseqüências... | 4.1 |
|---|------------------|-----|
| <p>FARIA, E. Pequena história da língua latina. In __. <i>Gramática superior da língua latina</i>. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1958. p. 5-12.</p> <p>Trata-se de exposição sumária sobre a origem do latim, sua vinculação ao tronco indo-europeu através de outras unidades lingüísticas como o ítalo-céltico e o itálico.</p> <p>Contém a história externa do latim, que se confunde com a própria história de Roma, e termina com uma exposição sobre a expansão do Império Romano e a implantação do latim nas diversas partes do mundo.</p> | | |

2. *Ficha de citação* - É a que contém a transcrição fiel, a cópia de trechos ou frases da obra consultada. Normalmente citam-se as frases-membras, porque estas expressam a idéia central do texto ou do parágrafo. Há algumas condições para uma citação bem feita:

- a) a citação vem sempre entre aspas;
- b) deve ser a transcrição *ipsis litteris* do texto, com os defeitos ou falhas que ele apresente; neste caso, a transcrição vem acompanhada da palavra (sic) entre parênteses; *sic* significa *assim*; com esse acréscimo, fica explicado que o erro da citação é do original e não de quem citou;
- c) uma citação pode conter apenas parte de uma frase, suprimindo-se palavras do início e do fim; marca-se esta supressão com o uso de pontinhos (...) entre parênteses ou sem parênteses;
- d) a supressão de palavras no meio da frase será marcada com pontinhos (...) entre parênteses;
- e) pode-se suprimir um parágrafo ou parágrafos inteiros, indicando-se a supressão com uma linha inteira de pontinhos;
- f) se, num trecho citado, já há citação, usam-se aspas duplas ("...") no trecho citado e aspas simples ('...') na citação anterior;
- g) a citação pode ser original, se feita na língua em que foi escrito o

texto, ou por tradução.

Exemplo de ficha de citação:

| A expansão do latim | Conseqüências... | 4.1 |
|---|------------------|-----|
| <p>FARIA, E. História externa do latim. In __. <i>Gramática superior da língua latina</i>. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1958. p. 6-7.</p> <p>"O relato, segundo a tradição, dos primeiros tempos de Roma é positivamente lendário. Deles, porém, a arqueologia e o estudo das instituições romanas nos permitem uma visão, sem dúvida fragmentária e imperfeita, mas em compensação muito mais verídica. Assim, na judiciosa expressão de L. Homo, hoje 'indubitavelmente sabemos pouco, mas começamos a sabê-lo bem'."</p> | | |

3. *Ficha de resumo* - É a que contém uma paráfrase do trecho lido, isto é, a transcrição das idéias do autor através de palavras próprias. Um resumo pode ter a forma de *esboço* ou de *sumário*.

a) O *esboço* conserva a mesma estrutura de exposição do texto citado, com as palavras-chaves, os títulos e subtítulos. Se o texto resumido ocupar mais de uma página, indicar-se-á o número da página à esquerda da ficha.

b) Um *sumário* é um resumo livre que não conserva a estrutura original. É "a ordenação sucinta das idéias principais esparsas pelo texto".

Exemplos de ficha de resumo:

| A expansão do latim | Por que estudar o latim | 4.2 |
|---|-------------------------|-----|
| <p>NÓBREGA, V.L. O latim para as profissões liberais. In: __. <i>Metodologia do latim</i>. 2.ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1962. p. 47.</p> <p>Os conhecimentos do latim são sempre úteis a qualquer profissão liberal:</p> <ul style="list-style-type: none">a) ao jurista permitem acesso ao Direito Romano e à linguagem jurídica;b) ao médico fornece a nomenclatura médica;c) aos professores de humanidades permitem acesso aos autores clássicos;d) aos engenheiros e arquitetos trazem os ensinamentos de Varrão, Plínio e Vitruvius. | | |

| A expansão do latim | Por que estudar o latim | 4.2 |
|---|-------------------------|-----|
| <p>NÓBREGA, V.L. O latim para as profissões liberais. In: __. <i>Metodologia do latim</i>. 2.ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1962. p. 47.</p> <p>Os estudos de latim serão sempre úteis, qualquer que seja a profissão que o estudante venha a seguir: o jurista, o médico, os professores, os agrônomos, engenheiros e arquitetos terão no latim, cada um a seu modo, o melhor meio de facilitar o seu estudo ou aprofundamento da profissão.</p> | | |

4) *Ficha analítica* - É a que contém comentários, análises, críticas, anotações pessoais sugeridas pela leitura. Como passo preparatório para a redação, esta ficha tem especial importância, porque, ao fazê-la, o leitor exercita a reflexão e registra as próprias impressões a respeito da questão em estudo.

Exemplo de ficha analítica:

| A expansão do latim | Por que estudar o latim | 4.2 |
|---|-------------------------|-----|
| <p>NÓBREGA, V.L. O latim para as profissões liberais. In: __. <i>Metodologia do latim</i>. 2.ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1962. p. 47.</p> <p>A posição adotada por NÓBREGA em relação à importância do latim para as diversas profissões liberais supõe que esta língua seja muito bem ensinada, de modo a dar aos profissionais competência para o desempenho cultural. Como o latim vem sendo mal ensinado, a sua utilidade fica prejudicada ou diminuída.</p> | | |

Abstract: Reading and taking notes. The first steps to bibliographical research. This paper shows the importance of reading and taking notes as initial and fundamental elements for the development of research. It describes the many stages of critical reading, and the various kinds of notetaking resulting from it, with practical examples of the filing of those notes and of works read or used as reference books.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- ASTI VERA, A. *Metodologia da pesquisa científica*. Trad. de Maria Helena Guedes Crespo e Beatriz Marques Magalhães. 4.ed. Porto Alegre, Globo, 1978. 234p.
- BARRASS, R. *Os cientistas precisam escrever*; guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes. Trad. de Leila Novaes e Leônidas Hegemberg. 2.ed. São Paulo, T.A. Queiroz, 1986. 218p.
- BARROS, A.J.P. e LEHFELD, N.A.S. *Projeto de pesquisa*; propostas metodológicas. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1991. 102p.
- BASTOS, C.L. e KELLER, V. *Aprendendo a aprender*; introdução à metodologia científica. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1991. 104p.
- ECO, U. *Como se faz uma tese*. Trad. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1983. 186p.
- FRANÇA, J.L. *et aliae*. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1990. 168 p.
- GREIMAS, A.J. e COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. de Alceu Dias Lima *et alii*. São Paulo, Cultrix, s.d. 493p.
- RUIZ, J.A. *Metodologia científica*; guia para eficiência nos estudos. 2.ed. São Paulo, Atlas, 1980. 170p.
- SALOMON, D.V. *Como fazer uma monografia*; elementos de metodologia do trabalho científico. Belo Horizonte, Instituto de Psicologia da Universidade Católica de Minas Gerais, 1971. 442p.
- SALVADOR, A.D. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*; elaboração de trabalhos científicos. 6.ed. Porto Alegre, Sulina, 1977. 254p.
- SEVERINO, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. 13.ed. rev. e ampl. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1986. 237 p.
- THOMPSON A. *Manual de orientação para a preparação de monografia*; destinado especialmente a bacharelandos e principiantes. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987. 157p.